

GRUPOS DE PESQUISA E FORMAÇÃO DE ORIENTADORES: TRIBUTO À MARLI ANDRÉ (IN MEMORIAM)

■ LUCÍDIO BIANCHETTI

<https://orcid.org/0000-0001-9748-5646>

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

No contexto de pesquisa sobre os grupos de pesquisa como espaços-tempos de formação e de atuação de orientadores de dissertações e teses, fizemos observação participante e desenvolvemos grupos focais no grupo de pesquisa coordenado pela professora Marli André. Realizamos também uma entrevista com ela. Impactados com a notícia da sua morte, neste texto, resgatamos partes da entrevista que ela nos concedeu, intercaladas por depoimentos de componentes do seu grupo, colegas e ex-orientandas. Nas suas manifestações, fica explícito o papel ímpar por ela desempenhado na constituição e funcionamento do grupo, como núcleo de pesquisa que funciona como uma rede. Nas manifestações dos componentes do grupo, resalta-se a habilidade da coordenadora em fazer dele espaço de pesquisa, de ajuda mútua, de exercício da orientação e de construção e de socialização de conhecimentos sobre formação de professores. A forma de organização e funcionamento do grupo coordenado pela professora Marli constitui-se em um efeito-demonstração daquilo que se esperava alcançar quando foram organizados os “Programas de Intercâmbios” (GATTI, 2005), na década de 1980, com o objetivo de formar grupos e redes de pesquisa, iniciativa que teve continuidade com os Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

Palavras-chave: Grupos e redes de pesquisa. Formação de orientadores. Pós-graduação. Formação de professores. Marli André.

ABSTRACT

RESEARCH GROUPS AND THE SUPERVISOR TRAINING. A TRIBUTE TO MARLI ANDRÉ (IN MEMORIAM)

In the context of studies about research groups as space-times of the training and action of supervisors of dissertations and theses, we conducted participant observation and developed focus groups within the research group coordinated by professor Marli André. We also

conducted an interview with her. Moved by the news of her death, in this text we revive some portions of the interview and interspace them with statements from members of the group, colleagues and former supervisees. Their declarations make explicit the unequaled role she performed in the constitution and operation of the group as a research nucleus that functions as a network. The statements of the group members emphasize her skills as coordinator that have made it a space for research, mutual support, supervision, and construction of socialization of knowledge about teacher education. The form of organization and operation of the group coordinated by professor Marli had a demonstration effect on that which she hoped to attain when the “Exchange Programs” (GATTI, 2005) were organized, in the 1980s, with the objective of forming research groups and networks, an initiative that had continuity with work groups of the National Association for Graduate Research and Education (ANPEd).

Keywords: Research groups and networks. Formation of supervisors. Teacher education. Marli André. Research. Graduate studies.

RESUMEN

GRUPOS DE INVESTIGACIÓN Y FORMACIÓN DE DIRECTORES DE TESIS. UN HOMENAJE A MARLI ANDRÉ (*IN MEMORIAM*)

En el contexto de la investigación sobre los grupos de investigación como espacio-tiempos de formación y de actuación de directores de tesis, realizamos una observación participante y desarrollamos grupos focales en el Grupo de Investigación coordinado por la profesora Marli André. También realizamos una entrevista con ella. Impactados por la noticia de su muerte, en este texto recuperamos partes de la entrevista que nos brindó, intercaladas con testimonios de miembros de su grupo, colegas y exalumnos. En sus manifestaciones, resulta explícito el papel impar que jugó en la constitución y funcionamiento del Grupo, como un Núcleo de investigación que funciona como una red. En las manifestaciones de los componentes del Grupo se destaca la habilidad de la Coordinadora para convertirlo en un espacio de investigación, asistencia mutua, ejercicio de orientación y construcción, y socialización del conocimiento sobre la formación docente. La forma de organización y funcionamiento del Grupo coordinado por la profesora Marli constituye un efecto demostrativo de lo que se esperaba lograr cuando se organizaron los “Programas de Intercambio” (GATTI, 2005), en la década de 1980, con el objetivo de formar grupos y redes de investigación, iniciativa que continuó con los Grupos de Trabajo de la ANPEd.

Palabras-clave: Grupos y redes de investigación. Formación de directores de tesis. Formación de profesores. Posgrado. Marli André.

De perdas, esperanças e (re) encontros...

No ano de 2020, fomos compelidos a abrir/fechar espaços nas nossas agendas para acomodar uma pandemia, a COVID-19, que sorrateira e insidiosamente foi instalando-se em todas as dimensões da vida pública e privada. Um ano de muitas inseguranças, dúvidas e esperanças em que os cientistas tiveram um papel muito importante na busca de apreender o *modus operandi* do vírus (SARS-CoV-2), a fim de produzir a imunização para a população, em uma doença de escala global. Neste período, fomos compulsoriamente confrontados com a “cruel pedagogia do vírus” (SANTOS, 2020). O início de 2021 parecia ser o começo de um período mais calmo, com esperanças renovadas em relação às possibilidades de enfrentamento da pandemia, especialmente com as vacinas desenvolvidas, mas constatamos que ainda temos muito a vencer. Os desafios são grandes. Foi nesse contexto de tantas notícias tristes que ficamos sabendo do falecimento da professora Marli André, em janeiro do ano corrente. Apesar de sua morte não estar ligada ao coronavírus, veio somar-se às perdas que se acumulam neste período e a constatação de que “a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos” (SANTOS, 2020, p. 3).

Confrontado com essa perda, a memória afetiva levou-me a revisitar momentos e situações em que tive o privilégio de conviver com a professora Marli e beneficiar-me do exemplo e dos ensinamentos que ela generosamente prodigalizava nas aulas, na participação ativa nas associações e órgãos colegiados, nos eventos, bem como da sua ampla, qualificada e engajada produção acadêmica. Da convivência mais

distante como seu aluno no Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), entre 1979 e 1982, ou mais próximo em função da pesquisa realizada junto ao seu grupo de pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em 2017, os encontros confirmaram cada vez mais a importância da professora Marli André para a área de Educação em geral e, particularmente, para alunos, orientandos e colegas do grupo de pesquisa “Núcleo de estudos e pesquisas sobre desenvolvimento profissional docente”, por ela liderado.

Nosso contato mais recente e próximo foi no ano de 2017, em que generosamente aceitou que o grupo de pesquisa sob sua liderança fosse *locus* de estudo de caso dentro da metodologia prevista na pesquisa que naquele momento realizávamos sobre as relações entre grupos de pesquisa e formação de orientadores para a pós-graduação¹. Por meio de encontros na PUC-SP, fomos acompanhando o seu grupo – observações, grupos focais, entrevista – no decorrer do segundo semestre daquele ano. Do material produzido a partir dessas interações, selecionamos partes da entrevista que a professora Marli nos concedeu, para publicar nesta revista com uma dupla intenção: socializar suas contribuições teóricas à área de Educação, em especial à formação de professores, pesquisadores e orientadores; publi-

1 Referência ao projeto “Formação e atuação de orientadores de dissertações e teses: De uma prática intuitivo-individual a uma práxis coletivo-grupal” (CNPq, 2015 e 2019), em que investigamos as possibilidades e potencialidades dos grupos de pesquisa como espaços-tempos formativos privilegiados para a consolidação da práxis orientadora na pós-graduação.

cizar aspectos das suas lutas, das suas apostas na Educação, área em que esteve engajada por mais de 40 anos. Aproveitamos o espaço para inserir no texto da entrevista depoimentos dos membros do seu grupo de pesquisa – pós-graduandos, ex-doutorandos, professores e pesquisadores – realizados durante a coleta de dados nos grupos focais.

Alguns dados, algumas datas... mas quanta vida!²

A professora Marli E. D. A. André concluiu sua graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) em 1966, e em Pedagogia, pela Universidade Santa Úrsula (USU) no Rio de Janeiro, em 1973. Concluiu o mestrado em Educação na PUC-Rio em 1976 e o seu doutorado em Psicologia da Educação na University of Illinois em Urbana-Champaign (USA), em 1978. No mesmo ano, iniciou seu trabalho de professora e pesquisadora na PUC-Rio, onde permaneceu até 1986. Ingressou em 1987 na Faculdade de Educação da USP e lá permaneceu até 1999 ao aposentar-se como professora titular. Nesta Instituição também coordenou o Programa de Pós-graduação em Educação. A partir de 2000, passou a integrar o corpo docente do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação, da PUC-SP. Em 2013, assumiu a coordenação do Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores, na PUC-SP; e, em 2017, a vice-coordenação. Desenvolveu estudos, pesquisas e publicações especialmente nas áreas de formação de professores e de metodologia da pesquisa em Educação. Em sua condição de orientadora na pós-graduação *stricto sensu*, levou à defesa 52 mestrandos, 54 doutorandos e supervisionou o estágio pós-doutoral de oito pesquisadores.

2 O excerto que segue foi retirado do Curriculum Lattes, informado pela própria professora Marli, com pequenas revisões para a publicação nesta revista.

Nas tramas da formação de professores, pesquisadores e orientadores: a entrevista

Começamos a entrevista³ perguntando à professora sobre seu processo de formação e de orientação e como hoje, na condição de líder do grupo de pesquisa, entende a função do grupo na constituição de orientadores para a pós-graduação *stricto sensu*.

A professora Marli inicia sua fala reportando-se à sua formação no período entre a graduação e o mestrado, realizados na PUC-Rio, em que destaca o que considerou “uma excelente vivência de grupo”. No mestrado, relata, “embora eu tivesse uma orientadora [...] participava também de grupos de pesquisa que não eram da minha orientadora. Então havia um grupo [...] que fazia pesquisa junto e que tinha financiamento do INEP e me interessei muito em participar desse grupo”. A coordenadora do grupo ficou preocupada, segundo ela, pois não tinha financiamento para incluir mais uma pesquisadora, mas o que Marli queria era “aprender junto”. Durante seu depoimento, ressalta a proposta da Instituição de Ensino Superior (IES) em que realizou sua formação:

[...] são muitas experiências que eu vivi, com pessoas diferentes, que me possibilitaram conhecer modos diferentes também de trabalhar com grupos. E a PUC-Rio tinha muito essa cultura do grupo. Eu acho que tudo o que faço em grupo hoje é devedor dessa experiência e dessa oportunidade que eu tive na PUC de poder participar de diversos grupos.

Na continuidade de seu depoimento, fala sobre o doutorado, realizado nos Estados Unidos da América (EUA), e que foi uma experiência de formação bem diferente da que tinha realizado no mestrado no Brasil. Apesar de

3 A entrevista foi realizada nas dependências da PUC-SP, no dia 11 de agosto de 2017, com duração de 1h30min. Após transcrita, foi encaminhada à professora Marli que prontamente a revisou e nos reencaminhou.

pesquisar no laboratório do professor orientador, que tinha uma “pesquisa mãe e pesquisas filhas”, o trabalho era bastante individualizado. E explica: “não posso dizer que era igual à PUC porque as relações lá são diferentes, não são tão afetivas, como são aqui na nossa cultura”. E considera que na PUC-Rio “havia um *ethos*, uma cultura do coletivo, de trabalho em grupos”.

Ao voltar ao Brasil em 1978, vai trabalhar no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio:

[...] já assumi a orientação diretamente e logo foi um trabalho de aprender um pouco, imitando os meus antigos orientadores, imitando muito essa cultura da PUC que era a de trabalhar coletivamente. Então eu sempre tive grupo de orientandos, sempre com essa ideia de uma pesquisa mãe e as pesquisas filhas [...]. E tentava, sim, imitar aquilo que tinha vivido lá na formação, com grupos de pesquisa diferentes e ao mesmo tempo desenvolvendo uma pesquisa e orientando pesquisas relacionadas àquele grupo. E a PUC dava muito estímulo para continuarmos fazendo pesquisa em grupo. Era um pouco uma norma, não escrita, mas uma norma que tínhamos entre nós de trabalhar com grupos.

Segundo ela, essa cultura do grupo permitiu, entre outras ações, formar grupos para estudar autores:

[...] estava precisando muito me fundamentar para poder fazer essas orientações. Agora o fato de termos a oportunidade de fazer essa orientação coletiva era muito interessante, porque, às vezes, os alunos tinham o conhecimento que eles traziam e que nós trocávamos. Não havia aquela ideia de porque sou orientador tenho que saber mais do que todos os meus alunos. E havia muito essa ideia de o grupo se ajudar. Nas leituras, nas trocas que se faziam, entre os grupos, então foi assim um processo de aprendizado da orientação. Ele foi muito baseado no que a gente sabe, na experiência anterior, como orientando e na experiência de ensaio e erro, um pouco assim. De fazer e ver se dá certo. Para alguns alunos era até difícil essa coisa do

grupo. Não era fácil para todo mundo. Eu tinha alunos que estranhavam muito o fato de nós abirmos os trabalhos entre nós, no grupo todo. Tinha alguns que se incomodavam com isso.

Na continuidade de sua carreira acadêmica, vai trabalhar na Faculdade de Educação da USP e lá tenta continuar a experiência do trabalho com grupos, mas percebe resistências, pois há a vigência de outra cultura. O trabalho coletivo, com grupos,

[...] não era tão valorizado como, por exemplo, era na PUC do Rio. Era uma coisa meio estranha porque os outros colegas não tinham esse hábito. Eles tinham o hábito de fazer a orientação individual. E não tinha nem espaço para implementar as práticas de trabalho coletivo, com grupos.

No seu depoimento, a professora Marli resalta as diferenças:

Na PUC-Rio, por exemplo, nós tínhamos uma sala e quando queríamos fazer o horário, reservávamos aquela sala e aquela sala era nossa. Na USP não. Tinha uma sala compartilhada com mais duas pessoas. Então eram três pessoas na sala. Você tinha que ver os horários que as pessoas não estavam.

Considera a questão do espaço físico um elemento importante para a implementação da cultura do grupo de pesquisa. Segundo ela, “as condições materiais são fundamentais para que isso aconteça [...] trabalhamos por um tempo, conseguimos fazer isso, mas no final, quando eu saí de lá, já estava fazendo orientação individual”.

Outro aspecto a conspirar contra a institucionalização dessa cultura é o tempo dos pós-graduandos para frequentarem o curso de pós-graduação, segundo sua análise. Considera que, com o número pequeno de bolsas de estudo, muitos alunos faziam a pós-graduação concomitantemente com algum tipo de trabalho, que fazia a sua frequência e dedicação ao programa serem menores, pois muitos deslo-

cavam-se das suas cidades de origem até a sede do programa apenas para as atividades obrigatórias. No seu caso particular, a professora destacou que outro aspecto que dificultou a implementação de uma prática de trabalho coletivo foi o fato de ter que assumir atividades administrativas, ligadas à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da USP. Um grande desafio: “um Programa com mais de 100 professores e praticamente cada um constituindo uma linha de pesquisa!”. A gestão tomou muito do seu tempo, pois tinha que participar de muitas reuniões, conselhos e assim foi “refluindo daquela cultura do trabalho em grupo”. No entanto, diz que ao sair da USP, em 2000, e vir trabalhar na PUC-SP, reencontra essa cultura: “quando eu saio da USP e venho para cá – já faz 18 anos que eu estou aqui – recebi um lote de orientandos. Eram cinco que ninguém queria. Tinham me contratado, professor novo e precisava de gente para orientar, mas eram esses, os que ninguém tinha escolhido”. Segundo ela, cada um desses alunos tinha um projeto sobre temáticas consideradas “esdrúxulas”, sem convergências e aí percebe que tem que reaprender a trabalhar com o coletivo, com grupos para poder dar conta de tantas temáticas diferentes: “esse foi um período difícil, eu acho, na orientação”. Então, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação da PUC-SP, o trabalho grupal, coletivo foi retomado e

[...] foi muito bom porque hoje, desses primeiros orientandos aqui da PUC, têm aqueles que ficaram amigos até hoje. Porque o grupo de orientação criou vínculos entre eles que permanece até hoje. Um vai visitar o outro. Vai na casa do outro, porque o encontro, a convivência propiciou. E aqui senti outra vez que era um ambiente que era familiar para todos, era estimulador. Outras colegas trabalhavam assim. Eu não me sentia uma estranha no ninho. Me sentia com outros companheiros que tinham essa mesma prática de fazer a orientação coletiva.

Explicita como funciona seu grupo de pesquisa – na verdade núcleo de pesquisa – dentro desta proposta de trabalho em grupo e coletivo: o núcleo é composto por três subgrupos⁴ – cada um com a sua coordenadora – que se reúnem ora no grande grupo (núcleo) ora nos subgrupos. Há temáticas gerais, unificadoras e há as temáticas específicas, tratadas por cada subgrupo. A professora Marli assim detalha a dinâmica de organização e funcionamento:

[...] nós tínhamos que procurar não nos dispersar nesses vários aportes teóricos. Então aqui na PUC-SP eu voltei outra vez a retomar essa atividade em grupo e até hoje nós tentamos. Não é muito fácil, porque quando trabalhamos com alunos que trabalham em diversos lugares é muito difícil conciliar horários comuns. Então, às vezes, não fazemos por conta da falta de horários. E aí veio essa ideia do Grupo de Pesquisa. Desse grupão que chamamos de Núcleo. ‘Núcleo de estudos e pesquisa de desenvolvimento profissional’ que foi uma constituição que fomos pensando com os orientandos, fazer alguma coisa que seja ao mesmo tempo articulada com a nossa linha de pesquisa que se chama ‘Processo Psicossociais na Formação de Professores’. Então nós pensamos: trabalhamos coisas comuns, então podemos constituir um grupo que pode se fortalecer mais, tanto na fundamentação quanto nas metodologias. Metodologias de trabalho, metodologias de pesquisa que iriam beneficiar o Grupo se nós estivéssemos juntos. Então veio essa ideia de criar esse Núcleo, com subprojetos. Nesses subprojetos encontramos um horário comum que era uma coisa que tínhamos dificuldade no dia a dia. Fazer os encontros nas sextas-feiras. Sexta-feira a pós-graduação da PUC não tem aulas. Então é um horário possível que podemos adequar, porque nas sextas-feiras deixamos para as bancas. Como é uma coisa mensal temos mais possibilidades de nos encontrarmos. E, ao

⁴ O Grupo de Pesquisa coordenado pela professora Marli está estruturado em torno de três subgrupos, assim denominados: 1. A contribuição das práticas de licenciatura na constituição da profissionalidade dos futuros professores; 2. Movimentos identitários de educadores: a formação de professores e do coordenador; 3. Desenvolvimento da identidade profissional dos professores-coordenadores pedagógicos.

mesmo tempo esses subgrupos têm os seus espaços próprios.

Os participantes do grupo, por sua vez, criam grupos de estudo e pesquisa em suas instituições ou espaços de trabalho. Segundo a líder, pode-se utilizar a metáfora da árvore com seus ramos para entender os arranjos do Núcleo.

A confiança é a chave, é fiar o fio da vida na experiência que a gente tem. Então esse processo de orientação fica, digamos assim, pegando fogo, porque, na verdade, se você tem um grupo bom, em que você consegue confiar, compartilhar, legitimar, você é capaz de, logo no início do grupo, com algumas pessoas novas que estão entrando, de negociar quais são as necessidades e expectativas daquele grupo, quais são os temas dos projetos, o que a gente quer nessa combinação. A gente quer ter uma abertura, mas essa abertura passa pela postura, pela atitude. Não adianta você ter uma abertura com uma atitude autoritária, porque não vai resolver. Quando a pessoa expõe o seu projeto, a menininha lá de TCC, outro de IC, outro de mestrado e doutorado, vão expor com as suas experiências de vida, com as suas linguagens e técnicas específicas, e a gente vai alimentando. Você perguntou há pouco sobre a orientação... A gente vai alimentando um pouco com as leituras, leituras orientadas em cima dos projetos, em cima dos referenciais teóricos, mas sempre com abertura específica de dizer: 'olha, vamos chamar alguém de fora?, um pouco como Marli fez'. (Pesquisadora, colega do Grupo de Pesquisa).

Ao falar das ramificações – subgrupos e suas pesquisas –, a professora Marli reconhece que é uma “mãezona”, que acolhe todos que querem trabalhar e somar-se ao núcleo:

[...] eu sou uma pessoa que acolho muito e também não imponho. Gosto que as pessoas criem as suas próprias asas. Isso para dizer o que eu respondo quando me perguntam: 'como é que se cria um grupo de pesquisa?'. Eu digo, depende do que está faltando. Por exemplo, se acho que falta discutirmos metodologias de pesqui-

sa, ou se não sabemos direito como orientar os trabalhos, aí vamos nos concentrar nisso. Elas dizem: 'sempre surgem muitas dúvidas na hora da orientação das metodologias. Nós não sabemos direito'. Eu respondo: 'Bom, ainda não fiz uma listagem de como é que se faz isso, mas precisa convidar os professores, veja com os voluntários, e aí vocês vão discutir, decidam juntos o que é e o que não é'. Então vejo que as pessoas sentem falta de terem outros interlocutores.

E ressalta que há, também, a pressão por publicizar o que foi produzido por meio das pesquisas do grupo e isso, afirma, não pode ser feito individualmente: é uma caminhada juntos, no coletivo, diz. E completa:

[...] estamos aprendendo juntos, estamos construindo juntos, estamos buscando juntos. Eu me sinto formadora nesse sentido. Abro espaço para quem quiser, sou muito nessa linha. Já recebi muito na minha vida: fui bolsista de mestrado, de doutorado, de pós-doutorado. Eu recebi muito investimento público. E acho que tenho que distribuir esse investimento que recebi. Então sou muito aberta a isso, de disponibilizar referenciais, coisas novas que estão acontecendo. Nós temos ido a congressos juntos, esse Grupo. Com o meu subgrupo, apresentamos trabalhos juntos, escrevemos juntos, fizemos um livro juntos no ano de 2016 (*Práticas inovadoras de formação de professores*). E foi do grupo.

Mas ressalta que não fica passando a mão na cabeça dos orientandos. Eles têm que ser autônomos: “porque cada um tem que aprender a crescer nos seus moldes e não sou eu que vou definir isso”.

Da parte de uma colega de grupo de pesquisa, destacamos um excerto que vai ao encontro do expresso pela professora Marli:

Apesar de ter a referência, a gente tem os professores, os pesquisadores, os orientadores experientes que são pares e interlocutores. E que também nos apoiam na constituição desse papel que a gente vai assumindo enquanto orientador. [...] Aí sai da centralidade da coor-

denadora do Grupo para que a gente tenha autonomia para definir coisas e processos [...]. Mas a dimensão do respeito e, essencialmente, do acolhimento, eu acho que faz toda a diferença nesse processo de aprendizagem. A gente não nasce orientador e nem nasce pesquisador, a gente se torna e não é de um dia para o outro. Ao longo desses anos todos, eu posso dizer que estou em processo, mas um processo um pouco mais responsável, assumindo a liderança de orientações de IC, de coorientação de mestrado e assumindo o papel de banca [...] quando a gente decide partilhar, se iguala, nem é essa palavra, mas, de fato, compartilha e soma. Acho que é essa a palavra: soma (Pesquisadora, colega de Grupo de Pesquisa).

Retomando a entrevista, a professora Marli concorda que nesse processo de trabalho coletivo, com integrantes do grupo preenchendo um leque de formação bastante heterogêneo, realiza-se o preconizado por Vygotsky no que diz respeito à “Zona de Desenvolvimento Proximal” (VYGOTSKY, 1991). Demora-se na referência a uma experiência exitosa de trabalho de parceria, de coorientação entre seus orientandos de doutorado, que assumiram a (co) orientação dos mestrados do Mestrado Profissional, auxiliando na escrita, uma vez que a escrita acadêmica

[...] é muito difícil para eles [...]. Então você tem que ter um pouco de paciência nesse sentido, por isso, às vezes, chamamos um doutorando junto, para dar uma ajuda. Nós temos o sistema de tutoria no mestrado profissional (KULNIG; REIS; SANTOS, 2015). São os doutorandos que fazem o sistema de tutoria, eles trabalham junto com os mestrados profissionais, ajudando no desenvolvimento dessa escrita acadêmica.

É assim, segundo ela, que é possível aproveitar o potencial de cada um para crescer:

[...] ao extrair o potencial máximo das pessoas você cria vínculos afetivos, que é um pouco da nossa cultura aqui da PUC. Se fizermos uma comparação entre a USP e a PUC, é muito diferente. Entre os alunos, lá você via muito mais

competição, muito mais cada um guardando as suas coisas, e aqui não, aqui você vê o estímulo às pessoas trocarem. Então a troca faz parte aqui do nosso trabalho.

Considera que tudo é um aprendizado, pois embora trabalhe há 40 anos na pós-graduação, não acha que há uma “cartilha” contendo prescrições do que fazer, aspecto que é corroborado por uma pesquisadora do seu grupo:

Uma coisa que eu aprendi é que tenho que falar menos e ouvir mais. A relação de orientação, não é uma relação de aula, é de diálogo e de ouvir o outro, ver o que está por trás. (Pesquisadora e professora no Ensino Superior e PPGE)

Marli explicita que acha difícil prescrever como orientar, como desenvolver esse trabalho no coletivo. E, nesse sentido, tem dúvidas sobre a possibilidade de uma pedagogia ou didática da orientação, pois considera que isso poderia engessar o modo de pensar e fazer a orientação na pós-graduação. Mas considera que a tutoria desenvolvida no curso de Mestrado Profissional é uma estratégia de “formação do orientador”. Para quem realizou a tutoria, foi oferecido um curso de formação: “esse curso de tutoria foi de dois dias, 10 horas de curso, para aqueles que quiseram participar. São doutorandos que vieram participar da tutoria. Então fizemos uma programação de formação do tutor, antes não tínhamos feito o curso, chamamos as pessoas, as pessoas vieram e fomos fazendo, experimentando”. A professora Marli relata que mesmo atuando como orientadores informais os doutorandos foram aprendendo, criando novas estratégias para a escrita, para a delimitação e o recorte das temáticas de pesquisa do grupo de mestrados. Ela considera que é um aprendizado sobre a orientação. Ao realizarem essas orientações e, também no *lato sensu* e dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), segundo ela, vão aprendendo a orientar. Com as experiências realizadas, foram sendo sistematizadas estas

práticas por meio do oferecimento de cursos: “os cursos são para garantir certo alinhamento, uma vez que se deixarmos cada um fazer a seu bel prazer, vão surgir tensionamentos”. E, segundo ela, é quando volta a ganhar importância o grupo. A sistematização vai se dando no processo e no coletivo: “porque você pode ter algumas linhas comuns de trabalho. O Grupo pode funcionar dessa maneira, com subgrupos, mas o processo vai ser sempre muito mais dinâmico. Muito mais dialético nesse sentido assim, de idas e vindas, de aprendizagem pela própria experiência”. Nesse sentido, de acordo com uma doutoranda do grupo de pesquisa da professora Marli:

A gente tem uma prática de orientação e isso foi muito importante, muito importante mesmo. Até a gente criar essa consciência, porque no começo não tinha essa consciência, no começo era ‘ajudar o aluno a montar o seu projeto de pesquisa’. No mesmo estágio em que nós estamos, porque eles são mestrandos e nós doutorandos. Mas, no decorrer do processo a gente percebe que é uma ação de orientar e é coletiva, porque você está com os colegas e alunos do Programa. (Doutoranda, participante do Grupo de Pesquisa)

Essa experiência de tutoria trouxe muitas aprendizagens individuais e grupais, segundo relato da professora Marli. Ela diz que, sempre que realizam relatos sobre a sua experiência na função de orientação, ouvem alguma pergunta sobre um pagamento para essa atividade e eles respondem: “não, em dinheiro, mas em forma de aprendizagens, para a formação”. A professora relata que no início os alunos do Mestrado Profissional resistiram um pouco a este arranjo, pois queriam um orientador, como se o importante fosse a titulação e não a disponibilidade para ensinar e aprender no coletivo. Há no grupo a preocupação em registrar e avaliar este processo, mesmo com as dificuldades inerentes à autoavaliação, como Marli explicita:

[...] acho que vai ser sempre uma coisa difícil de você registrar o próprio processo. A não ser que vá sistematizando esses registros, como isso vai acontecendo. Nós também temos pesquisado um pouco: o que está significando para você, que está chegando nessa tutoria? Para os alunos que estão sendo orientados, o que eles acham bom? O que acham que pode melhorar? Nós fazemos uma avaliação dessa orientação. E dos próprios tutores.

Da parte de uma ex-orientanda da professora Marli, a participação no grupo de pesquisa trouxe ensinamentos:

Hoje volto a trabalhar com outro olhar, com processos diferentes com esses alunos com quem eu trabalhava, considerando as particularidades deles, o que é essencial. Não dá para a gente chegar numa universidade periférica, do interior, com um olhar em que não caiba aquela população, que não caiba aquela realidade. Mas isso é também um processo de desenvolvimento profissional. Então você vai vivendo tudo isso em grupo, você trabalhando em outros grupos de pesquisa em outras situações e vai fazendo essas construções. (Ex-orientanda, professora do Ensino Superior e participante do grupo de pesquisa).

Por fim, a professora Marli explicita sua crença no coletivo:

Eu acho que a única saída é pelo coletivo, eu não vejo outra saída. Se não juntarmos aqueles que têm um pouco de esperança com [...] pequenos núcleos, espaços, em que pode atuar de uma forma que você sabe, dando aquilo que sabe, que conquistou, aquilo que construiu de conhecimentos e de outras experiências. Eu aposto muito nisso. E a minha vida inteira só vi resultados positivos com o fato das pessoas se juntarem, juntarem os seus saberes e fazerem convergir em benefício de alguma coisa. Então defendo muito essa ideia do coletivo como uma prática que dá muito benefício e que traz muito benefício. Se nós ainda não conseguimos sistematizar direito, no dia a dia, vamos percebendo que ela tem contribuições importantes para a nossa pós-graduação, para as pessoas que estão aqui e para o futuro da educação. É isso que nos move no nosso trabalho.

E, da parte de uma colega de grupo de pesquisa, e explicitação do reconhecimento pelo legado da Marli:

Parece que a gente vai pegando o jeito da organização, de desmembrar os temas, de sentar, de organizar as tarefas dos nossos orientandos. Eu não queria falar de um modelo, mas não deixa de ser. Eu admiro demais a Marli! (Pesquisadora, colega de grupo de pesquisa).

Ao analisar a práxis do grupo de pesquisa liderado pela professora Marli – por meio das entrevistas e observações realizadas no âmbito da nossa pesquisa – entendemos que se organiza dentro do que podemos chamar de “constituição de um *ethos* do coletivo”, o que consideramos um efeito-demonstração do potencial dos grupos de pesquisa como espaços de formação e de atuação de orientadores de dissertações e teses. Observamos que, dentro da capilaridade rizomática dessa práxis do grupo “mãe”, vão constituindo-se grupos de pesquisa em outras instituições educativas a partir da inserção/volta dos ex-orientandos do seu processo de formação pós-graduada. E assim vai afirmando-se um movimento constante de construção de redes de pesquisadores.

A ausência é compensada pelo legado...

A mãe, a professora, a colega, a orientadora, a amiga, a cidadã, fará muita falta. Teremos compensações da sua ausência nos inúmeros

escritos que legou e nas lembranças das vivências com ela e do engajamento e comprometimento com as causas da educação pública e da formação de professores. Receba, Marli (presente!), nossa gratidão.

Referências

ANDRÉ, Marli (Org.). **Práticas inovadoras de formação de professores**. Campinas: Papirus, 2016.

GATTI, Bernardete Angelina. Formação de grupos e redes de intercâmbio em pesquisa educacional: dialogia e qualidade. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 124-132, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 fev. 2021.

KULNIG, Rita de Cássia Mitelg; REIS, Adriana Teixeira; SANTOS, Luana Neves. Da experiência de tutoria à aprendizagem de orientação. *In*: Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, XII, 2015, Curitiba. **Anais Formação de Professores, Complexidade e Trabalho docente**, Curitiba, PUC-PR, 2015, 409112-20.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **A cruel Pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido em: 22/02/2021

Revisado em: 25/03/2021

Aprovado em: 15/04/2021

Lucídio Bianchetti é doutor em Educação: História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com estágio pós-doutoral na Universidade do Porto, em Portugal. Professor associado IV (aposentado) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua como professor voluntário. Coautor do livro *Publique, apaieça ou pereça*, publicado pela Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), em 2018. Pesquisador 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: lucidio.bianchetti@pq.cnpq.br